

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TABATINGA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

RAFAEL DOS SANTOS VIEIRA

**PANDEMIA DE COVID-19 E OS IMPACTOS NOS COTIDIANOS DE UM CURSO
DE PEDAGOGIA NO MUNICÍPIO DE TABATINGA-AM**

Tabatinga – AM

2022

RAFAEL DOS SANTOS VIEIRA

**PANDEMIA DE COVID-19 E OS IMPACTOS NOS COTIDIANOS DE UM CURSO
DE PEDAGOGIA NO MUNICÍPIO DE TABATINGA-AM**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado como requisito parcial à
obtenção do grau de licenciado (a) em
Pedagogia pela Universidade do Estado
do Amazonas.

Orientador (a): Prof. Dr. Leonardo Ferreira Peixoto

Tabatinga – AM

2022

RAFAEL DOS SANTOS VIEIRA

**PANDEMIA DE COVID-19 E OS IMPACTOS NOS COTIDIANOS DE UM CURSO
DE PEDAGOGIA NO MUNICÍPIO DE TABATINGA-AM**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado como requisito parcial à obtenção
do grau de licenciado (a) em Pedagogia pela
Universidade do Estado do Amazonas.

Aprovado em _____ de _____ de 2022.

BANCA AVALIADORA

Prof. Dr. Leonardo Ferreira Peixoto

Prof. Me. Tadeu da Silva Macedo

Prof. Dr. Fábio Alves Gomes

Tabatinga – AM

2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que sonham em cursar Ensino Superior, assim como eu sonhava com uma oportunidade e consegui. Digo-lhes: Vocês também podem!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus pela oportunidade que me concedeu em estudar Licenciatura em Pedagogia e em todos os momentos ter me sustentado e dado forças até aqui.

Agradecer à minha avó, pois, lembro que desde pequeno ela sempre me incentivou a estudar. Minha avó e meu avô, Alice Justino do Nascimento e Manuel Santos da Luz: Todo o esforço de vocês, os sacrifícios, os conselhos, o carinho e amor me trouxeram até aqui! Também não poderia deixar de agradecer à minha mãe, que sempre tem me apoiado e motivado, Maria Nascimento dos Santos. À minha tia, Eliane Nascimento dos Santos, obrigado por tudo!

À minha namorada, a Professora Especialista Jacineide Gomes dos Santos, que ao seu lado tenho encontrado carinho, atenção, amor, apoio e motivação para continuar a jornada acadêmica. Conhecemo-nos bem no início da pandemia e graças ao seu apoio e companheirismo conseguimos superar esses tempos de incerteza e aflição. Te amo!

De maneira muito especial agradecer ao meu orientador Prof. Dr. Leonardo Ferreira Peixoto, que me convidou para participar do PAIC, sempre sendo muito comprometido em me ajudar a entrar no mundo da pesquisa e crescer profissionalmente. Sempre paciente e compreensivo. Motivador nas horas de dificuldades. Professor Léo, de todo meu coração: Obrigado!

Agradeço aos Professores Tadeu da Silva Macedo e Fábio Alves Gomes por aceitarem participar da avaliação desta monografia. A participação de vocês na avaliação da pesquisa desenvolvida na iniciação científica foi muito valiosa e, por isso, gostaria de compartilhar esta monografia com vocês.

Aos meus caros colegas de turma, pela experiência que vivemos juntos, pelos momentos de alegrias e tristezas, durante esses cinco anos vivemos muitas coisas que vou guardar para sempre em meu coração, aprendemos e ensinamos juntos, vivemos e esperamos juntos.

Meu sincero agradecimento à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), do qual fui bolsista de iniciação da pesquisa que deu origem a esta monografia.

A todos os professores do curso de Licenciatura em Pedagogia: Obrigado!

E por fim, agradecer à Universidade do Estado do Amazonas, em especial ao Centro de Estudos Superiores de Tabatinga.

Obrigado!

EPÍGRAFE

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

Paulo Freire

RESUMO

O objetivo principal desta pesquisa é compreender os impactos da covid-19 no cotidiano do Curso de Pedagogia do Centro de Estudos Superiores de Tabatinga (CESTB) da Universidade do Estado do Amazonas nos anos letivos de 2020 e 2021. Esta pesquisa tem como referencial estético, ético, político, epistemológico e metodológico os estudos com os cotidianos escolares (ALVES, 2001 e 2003; OLIVEIRA, 2012; FERRAÇO, 2003; SUSSEKIND, 2012), de acordo com os movimentos criados por Nilda Alves, o primeiro deles é mergulhar com todos os sentidos nos cotidianos das escolas. Nas pesquisas com os cotidianos as conversas são entendidas como metodologia de trabalho e produção de conhecimento. Por isso, como instrumento metodológico utilizamos as narrativas tecidas nas/com as conversas para a construção e desenvolvimento deste trabalho. Os resultados evidenciaram o que foi proposto como alternativas curriculares criadas pelos professores e alunos. Vemos as dificuldades enfrentadas, o desespero, as incompreensões, lágrimas e tentativas de superar esse momento estranho que a pandemia trouxe. Foi um cenário aquém daquele que almejamos. Como destaca Paulo Freire, somos sujeitos em construção e esperamos fazer parte dessa construção, sermos vistos, ouvidos e compreendidos. Por isso, tomamos esse cenário para refletir a respeito e buscarmos uma perspectiva diferente para a educação a nível macro e a nível local. Por fim, ansiamos por cotidianos forjados na perspectiva do diálogo, onde o processo de ensino e aprendizagem seja construído em interação entre professores e estudantes, para que a autonomia seja uma característica nossa como *praticantespensantes*.

Palavras-Chave: Cotidianos. Conversas. Pandemia e Educação.

RESUMEN

El objetivo principal de esta investigación es conocer los impactos del covid-19 en el día a día del Curso de Pedagogía del Centro de Estudios Superiores de Tabatinga (CESTB) de la Universidad del Estado de Amazonas en los años escolares de 2020 y 2021. Esta investigación tiene como referencia estética, ética, política, epistemológica y metodológica los estudios con la vida cotidiana escolar (ALVES, 2001 y 2003; OLIVEIRA, 2012; FERRAÇO, 2003; SUSSEKIND, 2012), según los movimientos creados por Nilda Alves, el primero de ellos es bucear con todos los sentidos en la vida cotidiana de las escuelas. En la investigación con la vida cotidiana, las conversaciones se entienden como una metodología de trabajo y producción de conocimiento. Por lo tanto, como herramienta metodológica utilizamos las narrativas tejidas en/con las conversaciones para la construcción y desarrollo de este trabajo. Los resultados mostraron lo que se propuso como alternativas curriculares creadas por profesores y alumnos. Vemos las dificultades a las que se enfrentan, la desesperación, los malentendidos, las lágrimas y los intentos de superar este extraño momento que ha traído la pandemia. Era un escenario poco propicio para el que anhelábamos. Como destaca Paulo Freire, somos sujetos en construcción y esperamos formar parte de esta construcción, ser vistos, escuchados y comprendidos. Por lo tanto, tomamos este escenario para reflexionar sobre él y buscar una perspectiva diferente para la educación a nivel macro y local. Por último, anhelamos una vida cotidiana forjada en la perspectiva del diálogo, en la que el proceso de enseñanza y aprendizaje se construya en la interacción entre profesores y alumnos, de modo que la autonomía se convierta en una característica nuestra como profesionales del pensamiento.

Palabras clave: Vida cotidiana. Conversaciones. Pandemia y educación.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – REFERÊNCIAL TEÓRICO	13
1. A pesquisa nos/dos/com os cotidianos escolares	13
2. Classe dominante, pandemia e educação	20
3. Educação bancária e educação autêntica	24
CAPÍTULO II – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: CONVERSAS, ANÁLISE E DISCUSSÃO.	27
1. Alternativas curriculares propostas pela Instituição e alternativas curriculares criadas pelos professores e alunos.	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

INTRODUÇÃO

O ano de 2020 foi marcado mundialmente pela pandemia da Covid-19, que no Brasil já vitimou mais de 650 mil vidas. Desde março de 2020, o Ministério da Saúde começou a registrar oficialmente o número de infectados e mortos no Brasil, em determinado momento, os dados passaram a ser computados por um consórcio dos veículos de imprensa, tendo em vista a omissão de ações efetivas e eficazes por parte do Governo Federal. Tais omissões foram investigadas por uma Comissão Parlamentar de Inquérito instaurada no Senado Federal.

Na Universidade do Estado do Amazonas, as aulas referentes ao período de 2020/1 foram suspensas a partir de 16 de março de 2020 e retomadas de maneira remota em agosto de 2020. Em dezembro de 2020, após término do primeiro período, o Estado do Amazonas enfrentou uma nova onda da Covid-19 que superlotou os leitos hospitalares e ocasionou em janeiro uma grave crise sanitária, nacionalmente veiculada pela imprensa nacional e internacional. Não havia cilindros de oxigênio disponíveis nas unidades de saúde do Amazonas.

Diante da crise, a Universidade do Estado do Amazonas, após análise do Grupo Gestor da Covid-19 na unidade decidiu por suspender o retorno do segundo semestre de 2020, programado para janeiro de 2021 e adiou o calendário para o início em maio de 2021.

Primeiramente buscamos realizar uma pesquisa com os cotidianos escolares em tempos de pós pandemia na rede pública de ensino na Cidade de Tabatinga-AM, pesquisa objetivava conversar com os professores e professoras da rede municipal de ensino, que trabalhavam com os anos iniciais do ensino fundamental.

Optamos, devido o momento difícil que estávamos passando, manter o distanciamento social, na busca da preservação de nossas vidas e de nossos colegas *praticantespensantes*¹ dos cotidianos. Buscamos então, conversar com praticantes pensantes através do aplicativo de mensagem WhatsApp. Mas, com o tempo percebemos que tal alternativa, estava sendo também difícil, pois as conversas esperadas não estavam acontecendo.

¹ É tradição dos pesquisadores vinculados a linha de pesquisa *nosdoscum* os cotidianos escolares criar neologismos ao unir duas palavras que em nossa língua são grafadas separadamente e que carregam sentidos muitas vezes interpretados como dicotômicos, mas que ao nosso ver são complementares e indissociáveis. Não existe prática sem pensamento, aprendizagem sem ensino. Estas são algumas das dicotomias que tentamos combater com a nossa escrita.

Diante da impossibilidade de conclusão da proposta inicial, surgimos como uma continuação da pesquisa anterior com a presente pesquisa, que tem como tema a PANDEMIA DE COVID-19 E OS IMPACTOS NOS COTIDIANOS DE UM CURSO DE PEDAGOGIA NO MUNICÍPIO DE TABATINGA-AM.

Tendo em vista as precárias condições de acessibilidade no município de Tabatinga, esta pesquisa tem como objetivo analisar as táticas² (CERTEAU, 2012) utilizadas por professores e estudantes no desenvolvimento e realização das disciplinas do curso de Pedagogia do Centro de Estudos Superiores de Tabatinga. Muitas foram e são as alternativas apresentadas e muitos são os discursos em torno da continuidade ou não das atividades escolares de maneira remota e/ou a distância. Pretendemos com esta pesquisa, fazer uma análise do cotidiano deste curso de formação de professores, sob os impactos da pandemia de Covid-19.

O objetivo principal é compreender os impactos da covid-19 no cotidiano do Curso de Pedagogia do Centro de Estudos Superiores de Tabatinga (CESTB) da Universidade do Estado do Amazonas nos anos letivos de 2020 e 2021. Entre os objetivos específicos pretendemos: 1) fazer uma discussão *teóricometodológica* a respeito das pesquisas nos/dos/com os cotidianos, bem como o interesse da classe dominante na educação, acentuada durante o período da pandemia; 2) identificar as alternativas curriculares propostas pela Instituição e as criadas por professores em diálogo com estudantes para realização das disciplinas; 3) refletir com o cotidiano forjado neste contexto, sobre o sucesso ou fracasso do ensino remoto.

Esta pesquisa tem como referencial estético, ético, político, epistemológico e metodológico os estudos com os cotidianos escolares (ALVES, 2001 e 2003; OLIVEIRA, 2012; FERRAÇO, 2003; SUSSEKIND, 2012) de acordo com os movimentos criados por Nilda Alves, o primeiro deles é “mergulhar” com todos os sentidos nos cotidianos das escolas. Ao mergulhar nos cotidianos assumimos que nossas pesquisas narram o que somos capazes de ver, sentir e experimentar com

² “A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é o movimento “dentro do campo de visão do inimigo” [...] Ela não tem, portanto, a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no voo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia”. (CERTEAU, 2012. p. 94 – 95).

todos os nossos sentidos com os cotidianos que estamos pesquisando. Rompemos com a lógica da neutralidade e da imparcialidade do pesquisador, pois entendemos ser esta tentativa, mera ilusão epistemológica.

“Nas pesquisas com os cotidianos as conversas são entendidas como o principal *lócus* de trabalho e produção de conhecimento”. (ANDRADE, CALDAS e ALVES, 2019, p.20). Por isso, como instrumento metodológico utilizamos as narrativas ou conversas para a construção e desenvolvimento deste trabalho.

Buscamos analisar uma realidade no contexto local do município de Tabatinga-AM, quando nos voltamos para os impactos da covid-19 nos cotidianos de um curso de pedagogia, mas, compreendemos que este contexto está associado ao contexto macro onde se busca a mercantilização da educação por parte da classe dominante e uma pedagogia bancária de dominação, por isso, buscamos refletir com Rodrigo Lamosa (2020) e Paulo Freire (2021) a respeito dessas questões.

Vale ressaltar também que, o orientador e o acadêmico desta pesquisa são respectivamente professor e estudante do Curso de Pedagogia que estamos nos propondo a investigar.

O trabalho está estruturado em dois capítulos. O capítulo I, consiste no referencial teórico e está dividido em três partes. A primeira, discorre sobre os movimentos necessários que sustentam as pesquisas nos/dos/com os cotidianos, a segunda sobre a classe dominante, pandemia e educação e a terceira, sobre a educação bancária e a educação autêntica.

O capítulo II, descreve a respeito dos procedimentos metodológicos utilizados, enfatizando a pesquisa nos/dos/com os cotidianos e as conversas e sua importância como instrumento metodológico. Vai abordar sobre os resultados e discussões inerentes a pesquisa, refletindo sobre alternativas curriculares criadas pelos professores para a realização das disciplinas, suas considerações bem como a dos acadêmicos.

Por fim, as Considerações Finais, onde refletimos sobre como o ensino remoto se caracteriza como uma visão de uma pedagogia opressora da classe hegemônica. Infelizmente, foi uma alternativa que chegou aos nossos cotidianos, trazendo prejuízos irreparáveis para o processo de *aprendizagem ensino* e formação dos acadêmicos.

CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO

1. A pesquisa nos/dos/com os cotidianos.

Para começarmos essa reflexão a respeito da pesquisa com os cotidianos, gostaria de destacar uma fala que nos proporciona um entendimento inicial profundo a respeito da necessidade de compreensão e análise, de buscar entender que não existem verdades únicas que não podem ser questionadas. Ideias assim que nos tem sido transmitidas pelas classes hegemônicas e que por vezes não nos atentamos.

Nunca acreditei em verdades únicas. Nem nas minhas, nem nas dos outros. Acredito que todas as escolas, todas as teorias podem ser úteis em algum lugar, num determinado momento. Mas descobri que é impossível viver sem uma apaixonada e absoluta identificação com um ponto de vista.

No entanto, à medida que o tempo passa, e nós mudamos, e o mundo se modifica, os alvos variam e o ponto de vista se desloca. Num retrospecto de muitos anos de ensaios publicados e ideias proferidas em vários lugares, em tantas ocasiões diferentes, uma coisa me impressiona por sua consistência. Para que um ponto de vista seja útil, temos que assumi-lo totalmente e defendê-lo até a morte. Mas, ao mesmo tempo, uma voz interior nos sussurra: “Não o leve muito a sério. Mantenha-o firmemente, abandone-o sem constrangimento”. (BROOK apud ALVES, 2003, p. 2).

Esta fala nos apresenta a perspectiva de que precisamos estar com a mente aberta para a noção de que não existem verdades absolutas, e isto, nos pressupõe dois pontos muito relevantes. Primeiro, a realidade de que individualmente devemos construir esse entendimento, essa abertura que vai ser uma oportunidade para crescermos em entendimento para novas possibilidades. Em segundo lugar, o questionamento e a reflexão daquilo que nos é apresentado como verdades absolutas. A falta de autonomia de pensamento infelizmente nos tem levado a aceitar em diversos pontos de nossas vidas as ideias da burguesia, por isso, se faz tão urgente uma educação que nos leve a capacidade de aprendermos a construir uma maneira diferente de entender com propriedade aquilo que nos é apresentado.

Todavia, faz-se necessário que não sejamos sujeitos inativos no processo, mas, que possamos defender um ponto de vista e buscar compreendê-lo para que desta maneira nossa forma de pensar e atuar possam ser vistos, sentidos,

dialogados, levados em consideração na esperança de melhorias no que se refere a educação.

Desta forma, refletir sobre os cotidianos é uma possibilidade de compreensão mais ampla, mais profunda e que vai nos fazer sujeitos ativos e participantes no processo de construção dos conhecimentos. Sendo todos relevantes como conhecimentos: saberes, culturas, crenças, diferenças e etc. Todos estes conhecimentos se tecem nos cotidianos escolares e são parte integrante do processo.

Infelizmente, em nossa formação, a ciência moderna possui grande influência, colocando o pesquisador como superior, como alguém que está muito acima da realidade a ser pesquisada: o objeto. Essa perspectiva tem sido transmitida nas universidades e alguns aceitam sem contestação. Entretanto Alves, vai dizer que:

[...] para ir além dessas lições aprendidas, tínhamos que lutar contra o que, em nós, estava *encarnado*: a cegueira que em nós instalara a formação recebida; a idéia de separar sujeito de objeto; a idéia de que trabalhávamos com objetos e não com processos; os movimentos que generalizam, abstraem, sintetizam, globalizam. Em resumo: trabalhar com a dúvida em permanência, a incerteza sempre presente e nossos tantos limites, aprendendo a *olhar nos olhos dos outros* para descobrir nossos *pontos cegos*[...]. (ALVES, 2003, p.3).

A ideia de que trabalhamos apenas com objetos nos torna muito limitados como *praticantespensantes*, é fundamental ir mais além, superar essa realidade como destaca a autora que acaba sendo encarnado em nós. Ao contrário, entender que os cotidianos se constituem em processos complexos que necessitam de uma presença humana e de empatia, como destacado *olhar nos olhos dos outros*, é necessário.

Alves (2003), vai dizer que existem *quatro movimentos* que caracterizam os *processos necessários* para as *pesquisas nos/dos/com os cotidianos*. E sobre estes quatro movimentos que são destacados, gostaria de apresentá-los e refletir com os mesmos sobre sua relevância.

Como *primeiro movimento* sendo fundamental para as *pesquisas nos/dos/com*, Nilda Alves diz que:

O primeiro deles se refere a uma necessária discussão com o modo dominante de 'ver' o que foi chamado 'a realidade' pelos modernos e que se referia, como alerta Latour (1994) ao mundo que hoje chamaríamos 'particular' do laboratório ou das 'criações abstratas' como o Leviatã, de Hobbes. A trajetória de um trabalho nos cotidianos precisa ir além do que foi aprendido com estas particularidades e abstrações da modernidade, na qual o *sentido da visão* foi o exaltado ("ver para crer"; "é preciso uma certa perspectiva"; "do meu ponto de vista" etc). É necessário, por isso, nessas pesquisas, executar *um mergulho com todos os sentidos* no que desejamos estudar. A esse movimento chamei, no artigo, pedindo licença ao poeta Drummond, de *o sentimento do mundo*. (ALVES, 2003, p. 3).

Precisamos aprender a pensar diferente do modo dominante de ver, pois, a maneira como a classe dominante enxerga as coisas são somente para seus próprios interesses, sejam eles econômicos, políticos ou ideológicos. Por isso, que precisamos ir além daquilo que nos foi ensinado.

O modo dominante de ver faz uma separação entre o sujeito e objeto, mas qual o objetivo? Justamente desqualificar todos os sujeitos *praticantespensantes*, seus conhecimentos e saberes que fazem parte dos cotidianos e que por essa maneira de ver os caracteriza como irrelevantes, ensinando que se deve aprender aquilo que deve ser ensinado sem questionar.

Entretanto, a pesquisa nos/dos/com os cotidianos nos apresentam a possibilidade de que podemos fazer um mergulho com todos os sentidos, desfazendo a ideia de separação entre sujeito e objeto, além de observar, ouvir, sentir, experimentar, vivenciar essas realidades, que estão cheias de processos complexos, sendo importante que o processo de construção do conhecimento seja com a participação de todos os lados envolvidos.

Ainda sobre o primeiro movimento, Inês Barbosa de Oliveira afirma que:

[...] questionava-se a ideia de pesquisa *sobre* o cotidiano, entendendo-se essa noção, além de se limitar à crítica sem apontar possibilidades de soluções, deixava transparecer uma adesão ao ideário metodológico da modernidade, de afastamento entre o pesquisador e o universo pesquisado. [...] Questionava-se, portanto, não apenas a nomenclatura, mas aquilo que ela parecia representar, e foi nessa esteira que a pesquisa dos cotidianos passou a incorporar a ideia de "mergulho" nos cotidianos das escolas (ALVES, 2001) e o uso de ambas as preposições começou a ganhar corpo como uma tentativa de valorizar a compreensão *dos* cotidianos, por meio do mergulho nos cotidianos, em lugar de explicá-los a partir de referências idealizadas. (OLIVEIRA, 2012, p. 84).

O *segundo movimento*, destaca a ideia de que todo o conhecimento produzido até hoje possui sua relevância e que devem ser usados como aporte orientador para as presentes produções, são um recurso indispensável, mas que também é necessário compreender que se constituem em limites, no sentido de que a partir deles outros modos de produzir conhecimento podem ser realizados.

O segundo movimento, [...] é aquele que nos leva a compreender que o conjunto de teorias, categorias, conceitos e noções que herdamos das ciências criadas e desenvolvidas na chamada modernidade, e que continuam sendo um recurso indispensável ao desenvolvimento dessas ciências, não é só apoio e orientador da rota a ser trilhada, mas, também e cada vez mais, *limites* ao que precisa ser tecido para compreendermos as lógicas de tessitura dos conhecimentos nos cotidianos. Para nomear esse processo que nos leva a compreender como limite o que nos habituamos a ver como apoio, pedindo ajuda ao historiador Hill (1987), usei a idéia de *virar de ponta cabeça*. (ALVES, 2003, p. 3).

Sobre o mesmo ponto abordado pela autora, Oliveira diz;

[...] as pesquisas nos/dos/com os cotidianos entendem as teorias como limites, na medida em que apenas aquilo que comportam em seu modo de entender o mundo pode ser percebido e formulado sobre suas bases. Assim, na medida em que entendemos uma teoria é contribuição, mas também limite na busca de compreensão dos cotidianos, assumimos a necessidade de trabalhar com diferentes e múltiplos referenciais, buscando em cada um sua contribuição possível para o trabalho que se pretende fazer. [...] (OLIVEIRA, 2012, p. 85).

Explicando o termo virar de ponta cabeça, afirma:

O termo virar de ponta-cabeça [...] pode sugerir uma mera inversão do pensamento dominante, na defesa de um oposto, mas os fundamentos epistemológicos que utilizamos interditam-nos a defesa deste tipo de operação teórica, pois ela nos levaria à dicotomia e à formulação de um par de opostos. (OLIVEIRA, 2012, p.85).

A tessitura dos conhecimentos nos cotidianos, nos apresenta uma maneira bem diferente de ver as coisas, destacando que todos os conhecimentos são importantes, tanto os que constituem o saber escolar ou formal, como aquele que o sujeito já possui e que faz parte de sua vivência no mundo. Essa maneira de pensar

é bem estranha nos cotidianos das escolas, pois, o ensinado é que o saber formal está em primeiro lugar e os demais devem ser desconsiderados.

Para exemplificar o que aqui estou dizendo, gostaria de fazer menção ao trabalho de Mubarak Sobrinho (2011), que realizou uma pesquisa com as crianças Sateré-Mawé, na cidade de Manaus-AM, essas crianças vivem em uma comunidade presente no município. Em sua comunidade não existe escola, e por isso, estudam em escolas na cidade, zona urbana.

[...] as escolas regulares pesquisadas impõem às crianças Sateré-Mawé o “ofício de aluno”, através da mistificação da visão etnocêntrica de ciência e seus processos de regulação, pela via da maquinação ideológica, oprimindo seus jeitos de serem crianças indígenas e estabelecendo um processo de moldagem para o ofício que lhes é imposto, negando suas vivências comunitárias e os diversos elementos do seu grupo étnico afirmando-os como um corpo de conhecimentos ilegítimos. (MUBARAC SOBRINHO, 2011, p. 2).

A realidade apresentada pelo autor evidencia tudo aquilo que estamos discutindo nesse texto, como o modo de ver dos setores dominantes atuam para regular os sujeitos que entram em contato com a escola. A visão que o autor chama de etnocêntrica da ciência, e que prefiro chamar de hegemônica da ciência ou imperialista, desqualifica todos os conhecimentos legítimos que estão presentes nos sujeitos e que também constituem o cotidiano escolar.

Indo mais a fundo na reflexão apresentada, de como está distante nos cotidianos a tessitura dos conhecimentos, Mubarak Sobrinho (2011, p. 10), destaca:

No caso da relação entre as culturas escolares e a cultura do povo Sateré-Mawé, foi constatada, durante a pesquisa de campo, que ao invés de serem concebidas como fronteiras onde se deveriam estabelecer um diálogo profícuo para se garantir o sentimento de pertença, as mesmas, principalmente determinadas pela cultura legitimada pela escola, tendem a conceber as crianças Sateré-Mawé como “tábulas rasas”, como se elas, ao adentrarem no ambiente escolar, viessem completamente desprovidas de um saber capaz de ser articulado aos conteúdos da escola, manifestando-se como exclusão.

Diante do cenário apresentado, cabe lembrar que não podemos aceitar essa ideologia, que prima pelo saber dito formal e descaracteriza os demais conhecimentos, que vê o sujeito ordinário (CERTEAU, 2012), praticante do cotidiano

como alguém que não sabe nada, e deve ser ensinado da maneira como o sistema dominante quer.

O *terceiro movimento*, caracteriza-se como fonte³, a voz que conta uma história, os escritos comuns dos sujeitos *praticantespensantes*, fotografias e arquivos e etc.

No terceiro movimento estudado, indiquei a necessidade de ampliação do que é entendido como fonte, discutindo os modos de lidar com a diversidade, a diferença e a heterogeneidade, dos cotidianos e de seus praticantes, tanto quanto suas múltiplas e diferentes relações. [...] a esse movimento dei o nome de *beber em todas as fontes*, discutindo a importância, para essas pesquisas, da incorporação de fontes variadas, vistas anteriormente como dispensáveis e mesmo suspeitas: a voz que conta uma história; os escritos comuns dos *praticantes* (CERTEAU, 1994) dos cotidianos; as fotografias tiradas em *espaçostempos* sem significado especial; os arquivos de secretarias das escolas comuns nos quais estão reunidos papéis nada burocráticos como se tem o hábito de entendê-los (ALVES, 2003, p. 3)

A ideia trazida de beber em todas as fontes nos remete a compreender que temos muito a aprender com fontes que são consideradas como desnecessárias. São através destas fontes que poderemos aprender a discutir a respeito daquilo que é diferente, que precisa ser visto e considerado. São coisas simples, mas, que fazem parte dos cotidianos. Oliveira (2012, p. 87), ressalta:

[...] tudo o que integra a vida cotidiana deve ser considerado como relevante para a pesquisa. Superar a ideia de que apenas aquilo que pode ser classificado, organizado, enquadrado serve como dado de pesquisa e mergulhar na complexidade da vida, buscando captar seu dinamismo, seus enredamentos, seus pequenos acontecimentos, tornam-se meios fundamentais para o encontro do imprevisível, do incontrolável, do diverso, do singular que fazem parte da vida cotidiana.

Como *quarto movimento*, Alves (2003, p. 3) diz,

[...] como quarto movimento aquele que precisa acontecer quando para comunicar novas preocupações, novos problemas, novos fatos

³ Em texto (ANDRADE, CALDAS e ALVES, 2019) publicado em parceria com Nivea Andrade e Alessandra Nunes Caldas, Nilda Alves revisita estes movimentos e tece críticas a noção de “fontes” substituindo este movimento pela noção de personagens conceituais, inspirada em Gilles Deleuze. No entanto, neste texto, ainda operamos na perspectiva anterior, apesar de acharmos justa a consideração de Nilda de que as fontes não seriam a melhor metáfora.

e novos achados que os *acontecimentos* nos trazem, nos é indispensável uma nova maneira de escrever para chegar a todos a que precisamos falar, em especial os próprios *praticantes* dos cotidianos, para lhes dizer o que vamos compreendendo ao estudar, com eles, suas ações e seus conhecimentos, em um movimento que Santos (1989) chamou de *segunda ruptura epistemológica*. A este movimento chamei, com algumas dúvidas, *narrar a vida e literaturizar a ciência*.

A busca por uma nova maneira de escrever vem como alternativa fazer “ampliar as vozes” (PEIXOTO, 2019) dos próprios praticantes dos cotidianos, de maneira que aquilo que almejamos falar possa chegar a todos. E esse processo precisa ser construído em conjunto, de maneira dialógica. Reiteramos com Leonardo Peixoto, que:

Importante marcar que, na perspectiva das conversas que assumo, não faço coro com expressões do tipo “dar voz aos sujeitos”, que é um jargão muito utilizados em pesquisas desenvolvidas com pessoa e/ou grupos sociais subalternizados. Isso porque entendo que “dar a voz” aos interlocutores coloca o pesquisador no papel de alguém que tem o poder de fazer o outro falar ou fazer o outro silenciar e considerar que não têm ou terão voz própria, por si mesmos. Desta maneira, mantendo o poder dos poderosos e a dependência dos subalternizados aos primeiros. [...] Por isso, prefiro “falar com”, “fazer ecoar”, “ampliar vozes” a invés de “dar a voz”. (PEIXOTO, 2019, p.150).

Conhecemos os quatro movimentos considerados necessários para a compreensão das pesquisas nos/dos/com os cotidianos apresentados por Alves (2003), entretanto, surge um *quinto movimento* que vai dar ainda mais visibilidade e destaque ao que os estudos com os cotidianos propõem.

[...] pesquisar os cotidianos requer trabalhar os sentimentos daqueles praticantes e aponta: o que de fato interessa nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos são as pessoas, os praticantes, como as chama Certeau (1994), porque as vê em atos, o tempo todo. Integra assim, um quinto movimento, que parece assumir a primazia sobre os quatro primeiros, ao assumir a centralidade das pessoas, dos *praticantespensantes* da vida cotidiana em toda e qualquer pesquisa nos/dos/com/ os cotidianos [...]. (OLIVEIRA, 2012, p.89).

Dentro deste contexto, entendemos que o sistema tem nos oprimido tanto que quando ouvimos a palavra ciência, conhecimento, nos sentimos intimidados, parece que para nós da classe menos favorecida, oprimida; nós pobres, o saber é

algo inalcançável. Perspectiva esta passada desde nossos primeiros passos na escola pela classe hegemônica. Todavia, essa é uma visão de mundo que precisa ser superada.

Graças a educação autêntica (FREIRE, 2021) tal visão já possui muitas contraposições, e esta educação propõe uma maneira diferente de ciência que busca narrar a vida, destacando pontos que são invisibilizados e ausentes pela ciência moderna, propõe uma maneira de produção de conhecimento onde todos participam e muito mais especial, que todos possam ter acesso, tornando tal produção acessível.

Por isso, como autor deste trabalho e produtor de conhecimento, no que se refere a esta pesquisa, faço questão de narrá-la em primeira pessoa.

2. Classe dominante, pandemia e educação

O olhar da burguesia está voltado para a educação, realidade esta que não é recente, deste muito tempo que sua atuação atravessa direta e indiretamente propostas para a elaboração de políticas educacionais voltadas para seus interesses. Essa realidade é percebida através de um amplo conjunto de organizações que tem por objetivo produzir uma certa concepção de mundo.

Lamosa (2020, p. 11,12) vai afirmar:

Nas últimas três décadas, a atuação burguesa na educação brasileira tem sido notabilizada pela difusão de organizações que, tradicionalmente, vêm cumprindo o papel histórico de construtores de uma nova pedagogia da hegemonia, formando frentes de ação no interior do Estado. Essas organizações, embora representem a mesma classe social, formam frentes de ação que podem historicamente expressar a unidade política entre seus membros associados e, por outro lado, as diferenças com outras organizações que, por sua vez, formam outras frentes de ação [...].

Na fala do autor podemos perceber que a atuação burguesa na educação brasileira visa difundir o que destaca como uma nova pedagogia da hegemonia, e para difundir essa ideologia existem frentes ou organizações empenhadas neste objetivo. Destaca ainda que essas frentes representam a mesma classe, entretanto possuem características que as tornam diferentes em sua estrutura e atuação.

Destaco aqui que durante esse período de pandemia, essas frentes têm trabalhado para tentar definir as políticas educacionais, tanto para durante a pandemia como para o pós-pandemia.

Existem duas frentes de organização da classe dominante na educação brasileira: a frente social-liberal e a frente liberal ultraconservadora, Lamosa (2020). Essas duas frentes mesmo sendo distintas, traçam caminhos buscando definir as políticas educacionais e a redefinição do papel das escolas de acordo com seus próprios interesses.

A hegemonia que essas organizações possuem buscam produzir estratégias de conformação, através de um tipo de pedagogia, mas, seu conteúdo e expansão social e educacional visam a dominação e alienação.

Tais organizações são responsáveis por projetos, ações e iniciativas dirigidas a educação, e seus pressupostos estão voltados para difundir uma certa concepção de mundo, tal concepção que conhecemos muito bem, onde o pobre não precisa ter acesso ao conhecimento, mas apenas qualificar-se para o mercado de trabalho, apresentando desta forma um projeto formativo para a classe trabalhadora.

Em sua atuação não existem tensões verificadas, mas de maneira parecida buscam estabelecer seus objetivos. A frente social-liberal é dirigida pelo movimento empresarial Todos Pela Educação (TPE) e a frente social ultraconservadora fundamenta suas ações no Escola Sem Partido, movimento este que tem se difundido no Brasil e no mundo.

Agora, é fundamental conhecer as instituições e forças econômicas que estão por trás dessas duas frentes de atuação. Referindo-se a primeira frente, Lamosa (2020, p. 14,15), esclarece:

Na frente social-liberal identificamos as grandes corporações que expressam a unidade do grande capital reunido numa espécie de partido orgânico, a partir do qual vem definindo nos últimos quinze anos a agenda educacional brasileira (MARTINS, 2009). Essa frente tem constituído um amplo arco de alianças transnacional expresso na Rede de Organizações da Sociedade Civil pela Educação na América Latina e Caribe (REDUCA) que integra movimentos empresariais de quinze países na região. A REDUCA atua em parceria com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e com a União Europeia que financiam a rede numa orquestração que objetiva incidir sobre a atuação dos movimentos que atuam nos países e na definição das políticas nacionais de educação (LAMOSA, 2017). A empreitada tem disseminado conferências, projetos e convênios como no “Projeto de Cooperação Conjunta”, assinado com

a União Europeia e organizado em três linhas estratégicas: 1) Gestão, governo e posicionamento da rede; 2) Comunicação e Mobilização; e 3) Incidência e acompanhamento das políticas educacionais nacionais (MARTINS, 2012). O desenvolvimento desse projeto, entre 2013 e 2016, se desdobrou em uma série de iniciativas: realização de seminários internacionais, “mesas de trabalho” locais e a criação do ‘Observatório Educativo’ por meio do qual a REDUCA publica boletins sobre as iniciativas de seus membros e monitora os indicadores educacionais nacionais da região. Esse monitoramento e a pressão realizada pelos membros das redes em cada país é peça fundamental para adequação da educação às necessidades de formação da força de trabalho na região.

Podemos perceber que a frente liberal ultraconservadora concentra os maiores bancos, indústrias, agroindústria e as grandes corporações. A segunda frente a liberal ultraconservadora:

[...] organiza uma outra fração da classe que reúne os setores que formam atualmente o “bolsonarismo”: militares, a lumpemburguesia e setores religiosos ligados a teologia da prosperidade, tanto entre as igrejas evangélicas, quanto entre setores ultraconservadores da Igreja Católica. Essa frente também possui um arco de alianças transnacional com parcerias com organizações como Student for Liberty e vem promovendo uma série de iniciativas com uma série de ações que vão desde a formação com jovens estudantes das universidades, até a eleição de membros nas câmaras e assembleias legislativas. Parte importante das organizações dessa frente está articuladas na Rede Liberdade que organiza algumas dezenas de movimentos no país, parte considerável surgida na conjuntura de ascensão ultraconservadora, como as organizações Estudantes Pela Liberdade, formada em 2012, e Movimento Brasil Livre (MBL), lançado em 2013. (LAMOSA, 2020, p.15).

A base política e econômica dessa frente está expressa no conjunto de empresários reunidos no Instituto Brasil 200. Destacando que essa forma empresarial foi responsável pela campanha que elegeu no ano de 2018, Bolsonaro. São uma grande força política e durante os períodos mais graves da pandemia, vale ressaltar que defenderam o fim do isolamento social, mesmo diante da tragédia de milhares de vidas perdidas em nosso país.

Foi possível conhecer de maneira sucinta a respeito dessas duas frentes de atuação da classe dominante. Mas, diante de todo o cenário que vivenciamos durante a pandemia da covid-19, esses movimentos estavam traçando planos no que diz respeito a educação.

Buscando instalar de maneira sorrateira sua pedagogia da hegemonia e sua concepção de mundo para os cotidianos, sejam eles nas secretarias estaduais, municipais, escolas, prefeituras e até mesmo universidades. E por estranho que pareça ser, mas também que compreendo que pelo momento complexo pelo qual estávamos e ainda estamos passando, tal concepção tem ganhado espaço e se instalado nos cotidianos.

No período da pandemia este transformismo se materializou nas propostas de Educação à Distância (EaD) e seus neologismos: ensino remoto emergencial, educação on line, estudos continuados, ensino híbrido, dentre outros. Essa tendência segue um projeto que está colocado pelo menos desde os anos 1990, quando a modalidade cresceu enormemente e, embora tenha sido freada pelas lutas nas universidades públicas, encontrou nas universidades privadas um enorme terreno para sua expansão numa proposta de ensino minimalista, aligeirado, barato e destinado aos setores mais pauperizados da classe trabalhadora. Atualmente, segundo o Centro de Inovação para a Educação Brasileira (CIEB) (<http://bit.do/fJFKE>), existem cerca de mil startups edtechs no país produzindo produtos e serviços educacionais para serem vendidos em escolas e universidades que devem realizar a transição para uma educação digital. (LAMOSA, 2020, p.19,20).

Podemos perceber que a classe dominante durante esse período de pandemia aproveitou para materializar suas propostas sobre a Educação a Distância e suas ramificações, sabemos que as faculdades públicas se opõem em grande parte a esse modelo de ensino, entretanto, durante esse tempo, foram obrigadas em sua grande maioria aceitar esse modelo de pedagogia da hegemonia, que se caracteriza por um ensino aligeirado, minimalista e destinado a classe pobre do país.

Agora o que de fato me espanta, é saber que todo um material, produtos e serviços estão sendo produzidos para atender escolas e universidades preparando-as para a transmissão para a educação digital. Ressaltando, essa é uma proposta que olha de cima para baixo, e não olho no olho, é arbitrária, opressora e procura impor suas concepções de hegemonia.

[...] Os trabalhadores da educação estão diante de uma falsa encruzilhada colocada pelos empresários e seus prepostos: retomar o ensino presencial ou adotar as formas mais precárias de atividades remotas que serão travestidas de “ensino remoto” para poder contabilizar estas horas como parte de um calendário letivo em que a educação escolar não ocorreu. Essas propostas são apresentadas como se fossem as únicas possibilidades e qualquer resistência a

esta escolha de sofia é rechaçada das mesas de negociação. Assim vem ocorrendo nos grupos de trabalho nas prefeituras e nos estados, bem como nas universidades, que já dão como certa a transição para um ensino híbrido em que coexistam ensino presencial e educação on line. (LAMOSA, 2020, p.20).

Estamos diante de uma estratégia política que se aproveitou do momento pandêmico e instalou suas concepções, o que é muito desfavorável para os trabalhadores da educação. Entretanto, resalto a importância de compreendermos que o processo de construção do conhecimento não está na imposição e aceitação de ideologias inquestionáveis, mas no processo de dialogicidade entre os sujeitos, *praticantespensantes* dos cotidianos, bem como todo seu vasto currículo existente além do presente em sala de aula. Não podemos nos conformar com a pedagogia da hegemonia, mas buscar opor-se, para que de fato a educação em nossa país avance para a transformação de todos.

3. Educação bancária e educação autêntica.

Inês Barbosa de Oliveira (2012) nos lembra que há muito tempo a educação vem sendo vista como uma árvore de conhecimentos, no sentido de que estes já existem e o indivíduo precisa chegar até lá para obtê-los. É algo que está fora dos sujeitos, além dos mesmos. Essa forma de pensar apresenta um grande problema, porque descaracteriza o aprendiz e deixa de fora do processo de produção dos conhecimentos, suas vivências, suas crenças, seus valores, sua cultura, suas emoções.

Nesse sentido que Paulo Freire fala da educação bancária, onde o outro é visto como uma caixa ou recipiente, que ali devem ser depositados conhecimentos, e que não precisa questionar isso:

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em vasilhas, em recipientes a serem enchidos pelo educador. Quanto mais vá enchendo os recipientes com seus depósitos, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente encher, tanto melhores educandos serão. Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante (FREIRE, 2021, p.80).

Perguntamos: é essa a realidade que observamos nos cotidianos escolares e até mesmo nos cotidianos das Universidades? A educação bancária carrega em seus pressupostos a ideia de opressão, de manipulação, tornando as pessoas alienadas e sem capacidade de pensarem por si mesmas.

As classes hegemônicas buscam inserir na educação seus interesses, investem e buscam políticas para a “melhoria” da educação, mas a verdade é que seus interesses estão mais à frente das suas intenções de melhorias verdadeiras. Buscam de fato apenas qualificar mão de obra que suas empresas possam lucrar ainda mais.

Podemos perceber essa realidade em alguns cotidianos, onde nossos saberes, conhecimentos, crenças, sentimentos e etc., são colocados como desnecessários e o saber formal é o que deve ter a primazia e ser considerado como conhecimento.

Percebemos em nossa sociedade, o constante crescimento de cursos técnicos em diversas áreas, visando qualificar de forma aligeirada pessoas para ingressarem no mercado de trabalho, de maneira despercebida passando a mensagem de que o pobre precisa se qualificar para trabalhar.

Muito além do trabalho, de se qualificar, necessitamos superar esta educação bancária tão presente em alguns cotidianos de nossa sociedade. Precisamos ir além, somos *praticantespensantes*, sujeitos com autonomia de pensamento, capazes de contrapor a essas ideologias da classe dominante, em que o pobre tem que trabalhar e o rico estudar e dominar.

O processo de transformação e superação desse modelo de ensino, compreendo ser complexo, entretanto não impossível de ser construído, para que isto aconteça precisamos estar entendidos sobre isso, buscar discutir, analisar, refletir e atuar para que mudanças de fato possam ser percebidas.

Não é errado, jamais seria, ter esperança de que aqueles que estão no poder, aqueles que são sujeitos pensantes na educação, possam lutar na construção de uma nova maneira de ensino, onde os educandos não se vejam como tábulas rasas sem saber algum, ou como recipientes prontos para receberem conhecimento.

Mas, que tais educandos tenham a plena convicção das riquezas de saberes e conhecimentos que possuem, que a construção da autonomia própria lhe é

possível. Superando toda maneira preconceituosa e opressora que o sistema dominante impõe.

Mas, em contrapartida a essa forma de pensar a educação, ele também fala sobre uma perspectiva diferente e oposta, que chama de educação autêntica:

A educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças que implicam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação." (OLIVEIRA, 2012, p.84).

Nesse contexto de pandemia, torna-se fundamental refletir sobre que educação, que ensino está sendo trabalhado, ensinado dentro da experiência da prática docente. Nesse sentido que apresento essa reflexão das vivências durante esse período complexo que vivemos e estamos vivendo.

Contrariando a ideia da educação bancária, ou a educação como uma árvore, a autora apresenta uma ideia de tessitura de conhecimentos, que se identifica com o que Paulo Freire chama de educação autêntica.

A noção de tessitura de conhecimentos em redes assume ainda maior importância, porque é ela que permite considerar os múltiplos conhecimentos, valores e crenças, as múltiplas interações entre os sujeitos dessas redes com suas diferentes experiências individuais e sociais, bem como as emoções e valores [...] (OLIVEIRA, 2012, p.71).

Refletir sobre esses pontos apresentados tanto por Paulo Freire, quanto por Inês Barbosa de Oliveira, é uma necessidade urgente, assim como pensadores desse contexto atual de pandemia que escreveram sobre tal temática relevante, para que possamos compreender e atuar de forma responsável e embasada, para que a prática docente e o ensino sejam transformadores.

CAPÍTULO II – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: CONVERSAS, ANÁLISE E DISCUSSÃO.

Como movimento necessário às pesquisas com os cotidianos, a metáfora do mergulho é forjada para contrapor a falsa ideia de neutralidade do pesquisador, como se tivéssemos que nos fazer presentes nestes cotidianos tentando impactar o mínimo possível este ambiente com nossa presença. Ao mergulhar nos cotidianos assumimos que nossas pesquisas narram o que somos capazes de ver, sentir e experimentar com todos os nossos sentidos com os cotidianos que estamos pesquisando.

Fizemos nesta pesquisa, o uso das conversas para acessar as narrativas dos nossos interlocutores.

Cotidianamente, quando queremos falar com alguém, chamamos essa pessoa para uma conversa. Diferentemente de uma entrevista, por exemplo, na conversa não existem papéis pré-estabelecidos como o de quem pergunta (entrevistador) e o de quem responde (entrevistado). (PEIXOTO, 2019, p.149).

Podemos buscar também em Eduardo Coutinho, que na experiência em que desenvolve seus filmes, diz que prefere a palavra conversa em lugar da palavra entrevista, pois o que se realiza nos cotidianos é a troca de experiências:

toda a filmagem – e acredito que na história oral isso exista também, mas de uma forma mais amena, mais simples, mais implícita – tem que ser negociada. (...) Essa negociação que preside a muitas entrevistas e depoimentos – prefiro chamar de conversas, porque entrevista, depoimento, pressupõe uma formalização que destrói o clima de diálogo espontâneo que é importante – não está jamais na perspectiva, por exemplo, da televisão e da maioria dos documentários (COUTINHO apud BERINO et al, 2009, p.101,102).

Diante dessa perspectiva, entendo ser as conversas instrumento metodológico essencial na pesquisa com os cotidianos, pois, aproxima os sujeitos participantes da pesquisa, tirando a visão de separação entre sujeito e objeto, destacando a noção de mergulho em todos os sentidos da realidade pesquisada, essa troca dialógica possibilita a construção de conhecimento que são propostos por essa tendência de pesquisa. Para Maturana (*apud* Berino et. al):

Frequentemente nos dizem que precisamos controlar nossas emoções e nos comportar de maneira racional, principalmente quando somos crianças ou mulheres. Quem nos fala assim quer que nos comportemos de acordo com alguma norma de sua escolha. Vivemos numa cultura que opõe emoção e razão como se tratasse de dimensões antagônicas do espaço psíquico. Falamos como se o emocional negasse o racional e dizemos que é o racional que define o Humano. Ao mesmo tempo sabemos que, quando negamos nossas emoções, nenhum raciocínio pode apagar o sofrimento que geramos em nós mesmos ou nos outros. Finalmente, quando temos alguma desavença, ainda no calor da raiva, também dizemos que devemos resolver nossas diferenças conversando e, de fato, se conseguimos conversar, as emoções mudam e a desavença ou se esvai ou se transforma, com ou sem briga, numa discordância respeitável.

O que acontece? Penso que, ainda, que o racional nos distinga de outros animais, o humano se constitui ao surgir a linguagem na linhagem hominídeo a que pertencemos, na conservação de um modo particular de viver o entrelaçamento do emocional e do racional que aparece expresso em nossa habilidade de resolver nossas diferenças emocionais e racionais conversando. Por isso considero central para a compreensão do humano, tanto na saúde como no sofrimento psíquico ou somático, entender a participação da linguagem e das emoções no que, na vida cotidiana, conotamos com a palavra 'conversar'. (MATURANA, 1997 apud BERINO et al, 2009, p.100,101).

Gostaria de ressaltar que esta pesquisa tem início em agosto de 2021, até agora são dez meses de reflexões na busca de compreender e alcançar os objetivos propostos.

A pesquisa foi realizada no município de Tabatinga-AM, especificamente num curso de Licenciatura em Pedagogia, no Centro de estudos Superiores de Tabatinga (CESTB).

Participaram três alunas e um aluno do curso que sou eu; para fins de análise e preservação de seus nomes, vou chamá-las de: Aluna A, Aluna B e Aluna C; e não vou me furtar de narrar a minha vivência na análise e discussão dessa pesquisa, pois todos estamos cursando o nono e último período, sendo formandos. Entretanto, a Aluna C, por consequências advindas a sua saúde, acabou desistindo de um período inteiro durante a pandemia, não podendo se formar por agora.

A Aluna A reside no município de Santo Antônio do Içá-AM, a Aluna B no município de São Paulo de Olivença-AM, a Aluna C em Tabatinga-AM e por fim, eu que moro no município de Fonte Boa-AM.

Também participaram da pesquisa três professores do curso de Licenciatura em pedagogia. E para preservar seus nomes, vou chamá-los de (Professor A, Professor B e Professor C).

O Professor A trabalha como docente desde 2009 na Universidade, atua na área de Filosofia, com ênfase nas disciplinas de: Filosofia da Educação, Filosofia da Educação Brasileira e Políticas Públicas.

O Professor B atua na docência desde o ano de 2008 na educação básica, no ano de 2019 fez o concurso para o (CESTB), desde então trabalha no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga. Mas, antes já trabalhava como professor numa faculdade particular e no PARFOR. Ministra as disciplinas de: Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia da Aprendizagem na Educação e Psicologia Geral.

O Professor C entrou na Universidade do Estado do Amazonas no ano de 2012, completando neste ano de 2022, 10 anos de atuação docente. No curso de Pedagogia trabalha com as disciplinas de: Metodologia de Pesquisa, Métodos e Técnicas do Trabalho Científico, Currículo e atualmente trabalhando com o nono período a disciplina de Escola, Comunidade e Cultura.

Durante nossas “conversas” foi possível alcançar diversas narrativas, tanto dos professores quanto das acadêmicas e acadêmico, a vivência nos anos de 2020 e 2021 sobre a pandemia de covid-19, nossos medos, nossas angústias, nossos traumas, perdas, as expectativas e esperanças.

Bem como refletir sobre o cotidiano forjado no curso de Licenciatura em Pedagogia, como os professores procuraram trabalhar as disciplinas, os meios utilizados, a forma de avaliação, a participação da Instituição nesse processo, as considerações sobre aquilo que deu certo e aquilo que não deu certo e as expectativas para o futuro.

1. Alternativas curriculares propostas pela Instituição e alternativas curriculares criadas pelos professores e alunos.

Em nossas conversas buscamos refletir a respeito das alternativas curriculares propostas pela Instituição, na perspectiva de análise de todo o contexto ao qual estamos inseridos como professores e aluno/as do curso de Pedagogia no município de Tabatinga.

Vale destacar que o Centro de Estudos Superiores de Tabatinga (CESTB), no que se refere ao curso em destaque, alcança estudantes de diversos municípios aqui do Estado do Amazonas, como: Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá, Tonantins e Fonte Boa, e além claro de Tabatinga. E posso dizer isso com propriedade, pois, em minha turma existem alunos de todos esses municípios. Além de alunos que vivem em comunidades ribeirinhas e indígenas.

Ressalto também que na cidade de Tabatinga a qualidade da internet é péssima, tanto os dados móveis que são ofertados através das operadoras de telefonia, quando os planos de wifi. Lembrando que aqueles que usam wifi, pagam mensalidades que variam entre R\$ 300,00 a R\$ 1.500,00 reais, então, a internet torna-se um problema social.

Portanto, ao conversarmos sobre as iniciativas Institucionais para os anos de 2020 e 2021, sobre os aportes disponibilizados percebemos que foram insuficientes as necessidades existentes, vamos refletir nas falas de nossos *praticantespensantes*.

Professor A: A UEA disponibilizou uma capacitação que foi denominada de (AVA) Ambiente Virtual de Aprendizagem, mas é um sistema que a UEA tem, que está na plataforma, pra que a gente pudesse ter uma capacitação de como poderia estar postando o nosso material, estar cadastrando os alunos dentro dessa plataforma, pra que se pudesse estar enviando vídeos, enviando atividades, indicando leituras, passando alguns estudos dirigidos, passando avaliação, para que de certa forma os alunos pudessem interagir na forma de fórum. Onde tivesse debate, mas isso na prática... os alunos não conseguiam ter acesso devido à internet. Foi uma capacitação muito rápida e que a gente conseguiu colocar às vezes alguns materiais... foi o suporte que a gente teve. Não tivemos uma internet boa.

Percebemos que para os professores, foi esta a alternativa proposta para o desenvolvimento da prática docente, uma capacitação aligeirada, de um instrumento metodológico presente no portal da Instituição, que para ser trabalhado necessita de internet de qualidade, coisa que não existe em nosso cotidiano em Tabatinga.

Destacando a fala do Professor A, e ainda esclarecendo a realidade que estamos o Professor B, diz: “Olha, pro professor nenhuma. Teve um curso de AVA, só que aqui no interior disseram assim: vocês vão dar curso a distância. Mas parece que quem planejou esse aporte, pensou isso, mas, não conhece a realidade daqui”.

Professor C: A Universidade não nos apoiou em absolutamente em nada, e não estou falando da coordenação e da direção. Estou falando da Universidade como um todo, a estrutura da Universidade. A UEA chegou a dar curso de Moodle que é uma plataforma pra gente dar as aulas online, mas eu nem fiz questão de fazer, porque sabia que não ia adiantar aqui. Os alunos não teriam internet para acompanhar. Aqui em Tabatinga você tem noção, pra gente ter uma internet em casa é no mínimo R\$ 300,00 reais que pagamos de mensalidade. Pago uma mensalidade de R\$ 500,00 reais, porque estava pagando de R\$ 300,00 e não estava conseguindo fazer nada. Agora, pelo menos consigo fazer alguma coisa no WhatsApp. Virou uma obrigação você ter um celular para ser aluno da Universidade. Não era pré-requisito ter um celular. Agora é. Tanto aluno como professor. E isso é um problema, nesse tempo. E agora quando decidiu voltar, a instituição não pensou no contexto dos interiores. Porque ficou um tempo demorado para voltar o RU, foi uma luta pra gente conseguir trazer a xerox funcionar também. Então, acho que institucionalmente, a nível de Tabatinga, fomos os invisibilizados da história.

Esta fala do Professor C evidencia a falta de busca de compreender, conhecer a realidade na qual os professores estão em sua prática docente, falta de aporte para a realização de seus trabalhos, na perspectiva de construção de educação de qualidade e autêntica (FREIRE, 2021). Mas com tais alternativas, nos tornamos os invisibilizados nesse contexto de pandemia.

Professor B: (Falando sobre as autoridades). Acho que eles pensaram: nós vamos cumprir e enviar esse material, independentemente da localização no Amazonas. Se tem chip ou celular já fizemos nossa parte, agora se houver o fracasso escolar, um baixo empenho acadêmico, isso daí é porque os alunos não se empenharam. Então tem uma questão ideológica por trás muito importante.

Esta fala nos faz refletir a respeito daquilo que abordamos mais acima a respeito da classe dominante, pandemia e educação. Lamosa (2020, p.20), vai dizer que: “Por certo estamos diante de uma conjuntura política e uma correlação de forças na educação brasileira muito desfavorável para os trabalhadores da educação”.

Por certo esta é a configuração que temos, alternativas que estão longe de ajudar na construção do ensino e aprendizagem de qualidade, que torna tanto professores quanto acadêmicos, sujeitos atuantes nesse processo.

No que diz respeito as alternativas propostas para atender aos alunos e alunas,

Professor A: A UEA disponibilizou através da Proex, chip que vinha com internet, mas na nossa região os dados móveis são muito ruins. Mesmo os alunos com chip, não conseguiam ter acesso devido a qualidade da internet.

Nem todos os alunos têm computador, e mesmo para acessar do celular é muito difícil. A Proex também disponibilizou celular. Para aqueles que conseguiram entrar no site e responder o questionário e passar pelo processo de avaliação, a Proex chegou a enviar alguns celulares, mas não foi pra todos. Essa ajuda e esse suporte foram insignificantes, frente ao desafio que a gente tinha que enfrentar.

Professor B: Acho que os alunos tiveram depois de um tempo celulares, chip, mas pra gente não. Tive que contratar um plano de Internet mais caro para poder conseguir dar as minhas aulas, mas sempre pensando assim: se eu não estou conseguindo enviar, se não estou conseguindo trabalhar, se demorou um dia pra enviar uma coisa, imagina os alunos?

A Instituição tentou auxiliar os alunos em condições de vulnerabilidade socioeconômica, enviando chips e celulares. Mas, para preencher os questionários de inscrição era preciso de internet, todo um processo burocrático para comprovar a vulnerabilidade. Excluindo assim, os alunos que não tinham o celular para fazer a inscrição e aqueles que mesmo tendo celular, não tinham internet.

Tanto as Alunas A, B, e C, destacam que esses suportes oferecidos não chegaram até elas dizendo que: “Não tivemos ajuda nenhuma”. Entretanto gostaria de ressaltar que dentre os poucos beneficiados, sou um deles.

Moro no município de Fonte Boa, minha família é humilde, não tem como me ajudar financeiramente, então me inscrevi no Edital para concorrer a uma vaga na Casa do Estudante, onde vivo quando estou em Tabatinga no período das aulas. Como morador da casa, ganho um auxílio financeiro de R\$ 220,00 reais. Mas, isto bem antes da pandemia. Todavia, durante a pandemia, através da Proex, a Instituição ofertou Bolsas de auxílio socioeconômico no valor de R\$ 400,00 reais para aqueles que se inscrevessem e provassem através de documentação sua vulnerabilidade. Então, esses auxílios me ajudaram na alimentação, já que o RU não estava funcionando, e na compra de passagem para ir e voltar de minha cidade. Não fui beneficiado com chip ou celular, mas esse aporte financeiro me ajudou muito a permanecer estudando. Além disso, fui bolsista de Iniciação Científica da FAPEAM nos últimos 24 meses, desde agosto de 2020.

Reconheço que diante desse cenário, fui um dos poucos que tive esse aporte para continuar os estudos. Diante de todo um contexto amplo e complexo que se configura no cotidiano do curso de pedagogia aqui em Tabatinga. Poucos colegas receberam o chip, mas os dados móveis não funcionam aqui, a qualidade é péssima e desconheço algum colega que tenha ganhado celular.

Quanto as alternativas curriculares criadas pelos professores e alunos, podemos perceber que houve a tentativa de utilização do AVA, entretanto, pela falta de internet de qualidade na cidade não foi possível continuar utilizando essa ferramenta. Houve também a utilização do google classrom e por último o WhatsApp.

Professor B: No começo eu colocava assim: AVA, Classroom e WhatsApp. Depois eu desisti do AVA porque ninguém, nem eu mesmo conseguia acompanhar. Depois fiquei no Classroom, porque tinha pessoas que trabalhavam e conseguiam acessar do trabalho... e estava mais organizado para o aprendizado lá. Quem não conseguisse, o mesmo conteúdo que estava lá eu passava para o WhatsApp.

Eu tentava colocar no AVA. Primeiro que aqui o AVA não pega. Depois o Google Classroom, que é um menos pior, mas nem todo mundo conseguia acessar. As pessoas estavam na comunidade, grande parte dos alunos. Foram momentos de muita angústia.

Não tem como trabalhar com o google classroom, as aulas foram áudios de WhatsApp de até um minuto, dois minutos, não podia ser mais que isso, se não, não se consegue baixar e enviar de todos os textos. Fiz uma espécie de, que a gente chama de matriz instrucional na educação a distância, mas aqui chamei de roteiro de estudo, então colocando cada aula, cada texto, cada página, porque mesmo se você não conseguisse acessar, você baixava o roteiro de estudo e aquela aula. Trabalhei assim com os alunos e foi dando certo na medida do possível.

Então, percebemos na fala do Professor B, as alternativas que foram sendo tentadas e construídas no decorrer dos anos de 2020 e 2021, buscando de alguma maneira dentro do contexto de pandemia chegar aos alunos, lhes possibilitando acesso aos conteúdos e muito além dos conteúdos como ele mesmo destaca:

Professor B: Meu compromisso é com a aprendizagem, não me importo muito com a nota, a nota é uma expressão da formalidade, sempre trabalhei olhando para os meus alunos, ouvindo eles, para saber se eles estão aprendendo. E como foi uma novidade para todos nós, tanto para os professores quanto para os alunos. Foram horas difíceis.

Tinham alunos que sumiam, e quando a gente ia saber alguém morreu, viajou, estava na comunidade, não tem acesso, então, a aprendizagem ficou comprometida. Mesmo assim a gente tentava fazer o melhor dentro das possibilidades.

A pandemia trouxe consigo essas circunstâncias inesperadas, saber lidar com alunos que não estavam ali presencialmente, encontravam-se em seus municípios de origem, em casa, em suas comunidades, acadêmicos que perderam pessoas próximas e amadas. Às vezes não tendo celular para acompanhar as aulas, não tendo internet e etc.

A alternativa que mais se encaixou a realidade dos alunos foi a utilização do aplicativo de mensagem WhatsApp, por parte dos professores:

Professor A: Praticamente as aulas elas foram ministradas via WhatsApp, com orientação e com textos que a gente postava nos grupos e com orientações de estudo dirigido.

Conseguimos perceber muito pouco envolvimento por parte dos alunos, mas não estamos dizendo que os alunos estavam desinteressados, era por uma questão no meu ponto de vista de dificuldade mesmo de internet, onde muitos alunos falavam que só conseguiam entrar na internet de madrugada. Então essas aulas que pudessem ser síncronas, que pudessem estabelecer os mesmos horários de encontro, para que pudesse fazer uma vídeo chamada, pelo Google Meet, era muito difícil porque tínhamos alunos espalhados por todos os municípios e principalmente nas comunidades onde não tinham acesso à Internet, mas, a UEA e todos os professores disponibilizaram o laboratório de informática para aqueles alunos que não tinham acesso, para que pudessem vir pra baixar pelo menos materiais que eram postados pelos professores. Mas como todos estavam isolados, não tivemos uma adesão muito boa na utilização do laboratório.

A gente se valia da internet aqui da UEA, mas os alunos tinham que lidar com os dados móveis, porque nem todos tinham condições de pagar um plano de Internet e com essa questão da pandemia a dificuldade financeira aumentou. Foi necessário ter muita paciência e entender o lado dos alunos. Porque como a gente tinha dificuldade de trabalhar os alunos tinham muito mais. Mas claro que a aprendizagem ela não foi totalmente satisfatória. Poucos alunos interagiam, poucos alunos participavam.

Tivemos inclusive alunos que não tinham computadores, e as atividades eram fotografadas e enviadas. Não tinham computador pra digitar, formatar. Então, toda essa questão a gente relevou para que não pudessemos perder o aluno. Mas a aprendizagem em si eu considero não 100% daquilo que gente imaginou e planejou.

Essa alternativa encontrada era a única que mais se podia usar devido a péssima internet na cidade, percebemos as observações negativas pela falta de

participação nas aulas, no acompanhamento das atividades, bem como devido ao pouco contato com o conteúdo proposto, as discussões acabaram se tornando insuficientes e superficiais. A fala do professor A revela ainda uma outra realidade cruel para com os docentes do CESTB. Enquanto em outras unidades os professores podiam “ficar em casa” como determinava a instituição, na unidade de Tabatinga os docentes precisam frequentar a unidade.

Professor C: Olha Rafa eu fiquei desesperado. Foi assim: quando eu voltei em 2020, o período começou em fevereiro, mas em fevereiro eu estava afastado para terminar o doutorado. Então, cheguei na cidade dia 10 de março de 2020. Então, parou tudo dia 14 ou 17, só dei uma semana de aula. Ficamos 15 dias de março, abril, maio, junho e julho por trabalho remoto, em casa.

Acho que é importante, coisa que talvez as pessoas não sabem, a nossa vida não é só dar aula como professor universitário. A gente desenvolve pesquisa, extensão, essas coisas não pararam na Universidade, essas coisas continuaram a acontecer. Então a gente continuou a trabalhar, mas não na sala de aula. Mas com os outros trabalhos que é nosso papel dentro da Universidade, tanto que mandávamos nossos relatórios mensais. No período que ficamos em Tabatinga, muitas vezes tínhamos que ir à unidade, porque era melhor do que a nossa internet cara que pagamos para ter em casa. Quando o CONSUNIV decidiu voltar em agosto, decidiu-se em julho que voltaria em agosto. Então agosto voltariam as aulas. Começando o primeiro semestre de 2020. E não poderia ser presencial, é óbvio, porque naquele momento não estávamos ainda com a vacina.

Fui uma pessoa que não sabia o que fazer. Sou uma pessoa que na minha graduação, na minha pós-graduação, quando tinha a possibilidade de fazer qualquer coisa à distância, eu não era bem-sucedido, porque não tenho a disciplina que o curso à distância necessita. Você precisa de uma autonomia. Precisa se organizar, então eu não tinha essa disciplina. Então, organizar um curso para acontecer dessa forma...

Então, para mim foi desesperador ter que dar aulas pelo WhatsApp. Para mim, já estava condenado ao fracasso.

A fala do Professor C deixa claro a novidade do momento que estávamos passando, bem como saber lidar com esta realidade de como ministrar as aulas através de um aplicativo de mensagem. E ele continua dizendo:

Professor C: Eu achei no começo que até seria interessante, cheguei a ter alguns encontros no grupo, parece que naquele momento estava todo mundo online ao mesmo tempo.

Optei por não marcar encontro fixo no WhatsApp, porque sabia que tinha gente que no horário da aula não estaria presente. Porque quem usa pacote de dados aqui, você sabe que de manhã e de tarde às vezes não funciona. Só funciona a noite ou de madrugada. Então

optei por fazer o seguinte: daria um texto naquela semana e nós faríamos a discussão do texto e na outra semana... Iria trabalhando com essa lógica, porque em sala de aula era assim que eu fazia. Só que a aula presencial ela acontece, o aluno lendo o texto ou não. Às vezes não leu o texto, leu só uma parte, mas ele fala sobre o texto. No WhatsApp eu tive pouquíssimas experiências assim. A maioria das vezes lançava o texto e ninguém comentava. Só comentava quando tinha obrigação e valia alguma nota. Até chegar ao ponto de me desanimar e não cobrar uma obrigatoriedade de participação. No começo eu fazia questão de mandar 20 a 30 áudios de um minuto, um minuto e meio. Porque não adiantava mandar áudio grande porque o estudante não carrega. Mas, a participação era muito baixa.

Professor A, vai acentuar esses momentos de desamino e dificuldade frente aquilo que era possível fazer diante da realidade imposta,

Professor A: As aulas para mim foram muito difíceis, porque em especial os alunos aqui do Centro de Estudos Superiores de Tabatinga, são de outros municípios, e na primeira pandemia nós fomos orientados inclusive, a pedir para os alunos a voltarem para seus municípios de origem, para ficar ao lado de seus familiares. Uma vez que seus familiares estariam em seus municípios de origem, e se alguém fosse infectado aqui, não teria ninguém para cuidar. E mesmo porque todo mundo teve que se isolar. Então, nessas aulas reconheço que houve um empenho de todos os professores, mas também trouxe muito estresse pela questão do planejamento das aulas, porque não estávamos preparados, estresse pela questão de uma nova metodologia na qual não tínhamos conhecimento, que a gente teve que aprender. E pelo relato de professores muitos alunos não conseguiam entrar na plataforma. A nossa internet, em especial aqui em Tabatinga ela é muito ruim, então, a gente não conseguia de certa forma utilizar todas as ferramentas necessárias para ter uma boa aula.

Além do desespero pelo momento de não se saber o que fazer para ministrar as aulas, Professor A, vai citar dois acontecimentos que marcaram ainda mais de forma negativa esse período:

Professor A: Foram momentos muito difíceis. Tanto é que do Centro de Estudos Superiores de Tabatinga tivemos duas perdas. A professora Rocilange, do curso de letras, acredito que no final de 2020. E perdemos também o Sr. Lopes, que era um dos nossos servidores terceirizados. Perdemos os dois para a pandemia, isso trouxe um desgaste emocional muito grande para todos os professores, para os alunos, porque todos tiveram perdas relevantes nesse momento, seja de familiares, seja de amigos e principalmente pelo medo causado com a questão da pandemia.

A pandemia trouxe para o cotidiano da Universidade, em especial para o curso de Pedagogia, muitas dúvidas, inseguranças e perdas. Foram acontecimentos que marcaram tanto a vida pessoal quanto profissional de todos que estão atuando nesse contexto, sejam eles professores, alunos e funcionários. Trabalhar e estudar diante de uma realidade assim, se constituiu um grande desafio.

O medo de contrair a doença, o medo de morrer, o medo de perder alguém querido, e pior ainda, quando essas perdas vieram, foi muito difícil permanecer estruturado para continuar as atividades curriculares. É fato que muitos alunos acabaram reprovando, outros trancando o curso, e os que tiveram força para continuar, tinham que enfrentar todos esses fatores. Foi um período que marcou demais. Acabei contraindo a doença bem no início da pandemia, bem como toda a minha família. Pensei que ia morrer.

O ensino remoto, dadas as condições de onde estava, minha cidade, bem como quando estava em Tabatinga foi um desastre. Me sentia muito desanimado, pois, a maior parte do tempo estava sozinho, sem a presença dos colegas, dos professores, das pessoas que havíamos construído um vínculo muito forte. Como estudar diante dessa realidade? Estava com o psicológico abalado.

Como estudar se a internet não funciona? Era impossível acompanhar as aulas no horário que alguns professores marcavam como horário obrigatório. Às vezes o WhatsApp só pegava pela madrugada, então, acabávamos pegando falta. Penso que as vezes faltava um pouco de compreensão por parte dos professores, porque não entendiam que não temos dinheiro para pagar um plano de internet, estávamos dependendo dos dados móveis.

Reforçando minha fala a respeito de mesmo se optando por trabalhar com o aplicativo de mensagens WhatsApp, as realidades de alunos e professores eram muito grandes, pois, os professores acabavam dispondo de mais recursos para seu trabalho e não todos, mas alguns não entendiam nossas dificuldades.

Aluna A: Tinha professor que exigia que tu estivesse online tal hora. A aula vai começar 13:30h, e exigia que você estivesse online. Mas, como você vai estar online se tua internet não presta? Se tua internet não está pegando? Era desesperador! Como é que eu vou colocar lá que eu estou presente, meu Deus! Vou pegar, falta, vai tirar ponto. Não se podia fazer nada com relação à internet. Muita gente não tem dinheiro nem para comer, vai ter dinheiro pra tá pagando ficha todo dia em lan house?

Aluna B: Os professores colocavam vários aplicativos para serem acessados. Eles não entendiam! Era raro um dizer: vamos estudar pelo WhatsApp. Que é o melhor acesso que a gente tem, era raro a gente encontrar, porque tem muitos que diziam: vão por este aplicativo, só que quando a gente ia observar e analisar a situação, a gente percebia que este professor não estava em Tabatinga..., estava em Manaus, São Paulo; em outro local. Então ele queria exigir algo que em nosso município não tem como. Para gente era mais frustrante ainda, porque a gente queria entregar algo, mas como iríamos entregar se não tinha como baixar o vídeo? Não tinha como entrar nesse aplicativo, não tinha como fazer a chamada na hora, não tinha como a gente realizar o trabalho...

A fala da Aluna A, destaca o meio utilizado para dar aula usando o WhatsApp, entretanto mesmo sendo o mais acessível a nossa realidade, a internet era muito instável, e às vezes nos era cobrado a obrigatoriedade de estarmos presentes para responder a chamada e acompanhar a aula, participando com comentários escritos e em áudio. A questão é que não tínhamos internet para fazer isso, poucas eram as vezes que conseguíamos acompanhar a aula dessa maneira.

Como abordado um pouco acima, alguns professores optaram por utilizar o aplicativo Google Classroom. E a experiência com este aplicativo é descrito na fala da Aluna B. Primeiro que nunca havíamos tido contato, então não sabíamos mexer, foi um processo cansativo para alguns, principalmente para aqueles que não têm muito acesso a novas tecnologias.

Também não era possível acompanhar as aulas como programado devido à instabilidade da internet, era uma frustração grande. De certa forma nos sentíamos incompreendidos, às vezes não termos como entregar as atividades na hora marcada, porque a internet não funcionava, e a atividade não era mais aceita.

As consequências pela falta de diálogo e compreensão geraram grandes prejuízos. Ver alunos que vinham tendo uma jornada sem reprovar em nenhuma disciplina, começaram a reprovar, a trancar o curso e outros até mesmo a desistir, é realmente desanimador.

O que pensar dessa metodologia de ensino? Nunca houve tanta reprovação e demais agravantes. E ao ponderarmos sobre essas questões, precisamos refletir sobre que educação estamos construindo. Qual o objetivo almejado? Simplesmente passar conteúdos e ter como resposta as atividades solicitadas?

Penso que o objetivo da verdadeira educação está voltado para a transformação das pessoas. Que considera suas vivências, seus sentimentos, suas

lutas, suas dificuldades, seus saberes, seus conhecimentos e num processo de construção em diálogo busca-se traçar novos caminhos de esperança.

Em verdade, não seria possível a educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo.

É através deste que se opera a superação de que resulta um termo novo: não mais educador do educando, não mais educando do educador, mas educador-educando com educando-educador. Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de *estar sendo com* as liberdades e não contra elas. (FREIRE, 2021, p. 95,96).

Essa é a educação que esperamos viver em nossos cotidianos, onde o saber é construído em diálogo, superando a visão de separação entre educador e educando, como se o professor fosse a fonte de todo o saber e o educando não soubesse de nada. A educação autêntica almeja essa superação, onde ambos sejam parte integrante do processo de maneira igual e sem preconceitos.

Existem barreiras a serem vencidas para que possamos chegar a este objetivo. Gostaria de aqui de maneira especial, citar diante desse contexto a experiência da Aluna C, que atualmente cursa o nono período.

Ela foi acometida pela doença, acabou sendo entubada e enviada às pressas para Manaus, onde passou um bom tempo na UTI. Felizmente, saiu da UTI, mas, seu processo de recuperação foi bem lento e gradual. Ficou com algumas sequelas, pude conversar com ela pessoalmente pouco tempo depois, e percebi que sua memória não era a mesma, havia esquecido até mesmo de alguns colegas de turma, sua visão estava comprometida, não conseguindo mais ler.

Por causa dessa situação, acabou perdendo praticamente dois períodos de aula. E ao voltar na tentativa de estudar novamente, com a memória comprometida, bem como sua visão, foi um período desesperador. Enquanto conversávamos não pude deixar de me emocionar com ela, ao ver suas lágrimas descendo pelo rosto, ao fazer uma narrativa de todos os momentos difíceis que passou em sua vida pessoal e acadêmica.

Quando decidiu voltar a estudar, não conseguia ler os textos, então precisou de muita ajuda, tive que auxiliá-la na leitura dos textos e das atividades, tivemos que construir esse processo juntos, para que assim não desistisse.

Aluna C: Não conseguia ter um acompanhamento devido com as disciplinas, sigo muita dificuldade, muita dificuldade mesmo, em ter aprendizagem nas aulas ministradas. Não conseguia fazer as leituras e querendo ou não era uma pressão, porque além da internet ser péssima, você tinha que enviar o vídeo naquela determinada hora, tinha uma hora para se enviar o vídeo. Me senti muito pressionada. Não que eu quisesse ser tratada de maneira diferente, mas, antes da pandemia eu era uma pessoa que não era acometida por nada, era 100% e pra mim foi tão difícil me adaptar. Ficava pensando: como, meu Deus, que vou conseguir estudar? Algumas vezes falava para os professores que estava com certa dificuldade na minha visão, então, explicava a situação e a exigência era a mesma. Na verdade, a única professora que me compreendeu foi a professora Darcimar. Quando teve o estágio na Educação Especial no CIEEI, e falei: professora lá é um ambiente com pessoas especiais, e nunca entrei num lugar assim, vou ter que estar estagiando e lidar com as dificuldades que eles estão tendo também, não me sinto confortável para ir sozinha, porque ia ser individual. Então, ela me compreendeu muito e falou que eu podia ir em dupla, e aí fui com uma colega da faculdade e fiz essa disciplina em dupla, fiz o meu estágio em dupla, que ajudou muito. Tinha momentos que entrava no ambiente lá e por conta da minha visão tinha certas coisas que não enxergava, por onde entrar, que porta entrar.

Gostaria de destacar sua fala, enquanto discutíamos sobre a educação bancária que observamos ter sido uma realidade durante este período de pandemia, e em lágrimas ela vai dizer:

Aluna C: Chegou um momento assim que eu disse: não quero mais, vou desistir porque é muita pressão. Como falei, muitas vezes não entendiam o meu lado. E, estava ali, me esforçava para enviar a atividade no horário certo. Muitas vezes se passasse o tempo, não era levado em conta, teu esforço para fazer toda aquela atividade. Foi um processo muito delicado, muito difícil, me marcou muito.

Diante daquilo que foi proposto como alternativas curriculares a nível Institucional e as criadas pelos professores e aluno/as, vemos as dificuldades enfrentadas, o desespero, as incompreensões, lágrimas e tentativas de superar esse momento estranho.

Foi um cenário aquém daquele que almejamos como destaca a fala de Freire (2021), pois, somos sujeitos em construção que esperamos fazer parte dessa

construção, sermos vistos, ouvidos e compreendidos. Por isso, tomamos esse cenário para refletir a respeito de buscarmos uma perspectiva diferente para a educação a nível macro e a nível local.

Professor B: Eu considero que esse modelo remoto deu certo na capital... Mesmo na capital vimos alunos que subiam em árvores pra pegar sinal. Pessoas que não tinham celular. Uma mãe quando chegava do trabalho, tinha que dar o celular para os filhos, porque cada um tinha que ficar fazendo suas atividades. Então, tem vários fatores que influenciam. Talvez essa pandemia seja a grande lição para todo mundo, para o poder público, pra gente cobrar deles que se precisa investir em melhores condições. Mas, não concordo, porque acho que houve muito prejuízo, ao mesmo tempo entendo que dada as condições foi o possível. Entendo que houve um certo cinismo das autoridades, ao não considerar fazer políticas públicas, investir dinheiro, sem considerar as condições daqui.

Ensino remoto no cotidiano do curso de pedagogia em Tabatinga foi um desafio e está sendo. É impossível que este método de ensino funcione num lugar onde não existe internet de qualidade. A fala do Professor B, trás consigo o peso da responsabilidade que temos de refletir a respeito do momento pelo qual estamos passando e se desenvolvendo na educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propor ensino remoto sem dar o devido aporte para que este se desenvolva, se caracteriza como uma visão de uma pedagogia opressora da classe hegemônica, que não considera as fragilidades existentes por parte da classe trabalhadora. Infelizmente, foi uma alternativa que chegou ao nosso cotidiano, trazendo prejuízos irreparáveis para o processo de *aprendizagem ensino* e formação dos acadêmicos.

Como ressalta Lamosa (2020) é uma forma de ensino que tem sido pensada e trazida aos cotidianos das escolas e das Universidades por parte da classe hegemônica, desconsiderando a falta de aporte necessário e propondo uma educação aligeirada, superficial e bancária. Dessa maneira, este processo busca apenas “abastecer”, depositar nos acadêmicos os conteúdos programáticos, sem diálogo, sem reflexão.

Nas primeiras semanas após a suspensão das aulas e fechamento das escolas no Brasil, o Movimento Todos Pela Educação (TPE) reforçou sua estratégia de reivindicar para si a responsabilidade sobre a educação básica brasileira e atracou como um dos principais articuladores sobre como conduzir a educação na pandemia e no pós-pandemia, sistematizando uma série de discussões e documentos para fomentar não só o ensino remoto como única saída para a crise educacional, mas toda a sua ideologia e pedagogia de mercado. (LAMOSA, 2020, p.48,49),

Diante da falta de possibilidades, de recursos necessários em nosso cotidiano, não nos damos por satisfeitos com tudo aquilo que vivenciamos durante esse período. Por isso, todas nossas angústias, decepções, fracassos e lágrimas, nos serviram para refletirmos na esperança de que esse modelo de ensino não se estabeleça, para que não cause ainda mais prejuízos a educação e a formação dos educandos.

Por isso, quando falo em esperança de perspectivas melhores, de uma educação autêntica, destaco o que Paulo Freire diz: “Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero”. (2021, p. 114). Assim, espero não de braços cruzados, mas refletindo e discordando desse cenário imposto ao nosso cotidiano. Esperançamos dias melhores.

A pesquisa com os cotidianos nos permite fazer esse “mergulho” no cenário ao qual estamos desfazendo a ideia de que é necessário o sujeito estar separado do objeto. Nós fazemos parte ativa na pesquisa, não apenas observando, mas sentindo, vivenciando, sendo parte ativa. Somos participantes e juntos construímos, produzimos e refletimos. Nossas falas, nossos diálogos, nossas narrativas ganham voz e espaço na produção de conhecimento.

Esperamos de coração que o modelo de ensino remoto que propõe em suas práticas a educação bancária, seja revisto, analisado e combatido. Precisamos refletir com propriedade a respeito do interesse da classe hegemônica em impor essa forma de ensino.

Almejamos por cotidianos forjados na perspectiva de diálogo, onde o processo de *ensinoaprendizagem* seja construído em interação entre professores e acadêmicos, para que a autonomia seja uma característica de sujeitos *praticantespensantes*.

Por fim, almejamos dias melhores, que essa pandemia passe, que as feridas deixadas por ela em nossos corações através das pessoas amadas que perdemos logo sare e que em breve possamos voltar a vida como era antes, sem o medo de poder tocar, abraçar, beijar quem amamos, rever e estar perto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. **Revista TEIAS**: Rio de Janeiro, ano 4, nº 7-8, jan/dez 2003. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23967> Acesso em 09/08/2020.

ALVES, N. **Decifrando o pergaminho – o cotidiano na escola nas lógicas das redes cotidianas** In: OLIVEIRA, I. B. e ALVES, N. Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alessandra Nunes; ALVES, Nilda. **Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas “conversas” acerca deles.** IN: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SUSSEKIND, Maria Luiza. Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FERRAÇO, C. E. **Eu, caçador de mim.** In: GARCIA, R. L. (Org.). Método: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Rodrigo Lamosa. LAMOSA, Rodrigo (org). **Classe dominante e educação em tempos de pandemia: uma tragédia anunciada.** Editora Terra sem Amos: Parnaíba, 2020.

MUBARAC SOBRINHO, Roberto Sanches. **O Saber da “Escola do Branco” e as Culturas das Crianças Indígenas: uma prática pedagógica dos (des)encontros.** In: NASCIMENTO, Adir Casaro (Org.). Crianças Indígenas: diversidade cultural, educação e representações sociais. Brasília: Liber Livros, 2011. (p. 181-204).

OLIVEIRA, I. B. de. **O currículo como criação cotidiana.** DP et Alii. Petrópolis, 2012.

PEIXOTO, Leonardo Ferreira. **Pesquisas (auto)biográficas indígenas como táticas historiográficas contra-hegemônicas.** IN: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SUSSEKIND, Maria Luiza. Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019.

SUSSEKIND, Maria Luiza. O ineditismo dos estudos *nos/dos/com* os cotidianos: currículos e formação de professores, relatos e conversas em uma escola pública no rio de janeiro, BRASIL. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v.8 n.2 AGOSTO, 2012. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/10987/8107> Acesso em 09/08/2020